

Uthropia

Literária

Edição especial, para a apresentação do projeto

BUREAU

POEMAS:
"O RETORNO"
"A CAVERNA DO REI."

2

Edição

TEXTOS NÃO
FICCIONAIS:
M.L. BAUMEISTER.
J.F. LORENZE.

"O GRANDE VERME,"
J.R. SIMONA.

FFORTALEZA
DO BUREAU
PLANETA 0.



Uthropia

Literária

O Bureau é uma organização multiversal, o que significa que ela atua em diferentes universos para combater anomalias de diversas formas e tipos. Mas o que isso significa na prática? Bem, o objetivo do Bureau é preservar a ordem do multiverso, garantindo que cada universo tenha suas próprias regras e leis, sem que anomalias as ameacem. Para isso, o

Bureau conta com agentes altamente treinados, com habilidades e conhecimentos especiais para lidar com as mais variadas situações. Eles são responsáveis por investigar, monitorar e, se necessário, neutralizar as anomalias, tudo para garantir que o multiverso continue a funcionar da melhor forma possível.

2

BUREAU



OR

DE ERANDE
João RICARDO SIMONA

VENNE

“O que se considera um dia de trabalho de um agente de campo, é todo o tempo que levar, para cumprir sua missão.”

Contrato de trabalho do BUREAU, pág. 21.

I.

“E então a luz me trouxe, para aquele mundo pacífico, aquele universo brilhante e chamativo, o universo #Nº4010. O soldado que outrora fora, agora convertido em um peregrino penitente, um bode de missa negra, em busca de ser feito um bom sacrifício. Tragam uma boa lâmina, derramem o meu sangue, que eu sirva aqueles necessitados, que se salve esse universo, esse infinito de almas. “

A luz dançante de um pequeno lampião posto sobre a mesa, parece hipnotizar Borges, que quieto e vidrado a observava. Poderia se dizer isso, se aquele homem, na verdade, não estivesse olhando através da luz, como se ela fosse uma lente, capaz de dar a sua esposa do outro lado, algum traço de beleza, e a beleza, algum desejo apaixonado.

Ana não é mais sua. A menina que ele conhecera na faculdade, convertera-se em uma mulher forte e dona de si, que fora incapaz de deixar seus sonhos, para viver os do marido. Borges lamenta aquela força, que tanto o oprime em sua insignificância. Ele um mero professor de matemática do ensino básico, ela uma grande pesquisadora de sua área, a história, e uma intrépida aventureira. Dói nele também a solidão paterna, a falta de um filho para ao menos dividir a angústia da fraqueza masculina, muito viva na Argentina daqueles tempos, naquele mundo.

— Perdeu a fome, meu amor? — Ela o indaga, após a última garfada de seu filé de salmão.

— O quê? Desculpe, estava distraído.

— Anda muito distraído Borges. — Ela se levanta, com seu prato vazio em mãos. Caminha até ele.

— Perguntei se já está satisfeito. Posso tirar seu prato?

Ele não responde, apenas a encara, com a boca meio aberta, a admirando de baixo. É afinal o que lhe resta, encarar a mulher como uma estátua viva, tão fria e distante quanto as deusas gregas. Ela pega o prato e sai, dá as costas a ele sem demonstrar nenhum sentimento. Em seu peito Borges sente queimar o ódio do desprezo, aquele sentimento que costuma levar ao crime passionai, mas para isso, falta coragem ao homem.

— Já arrumou suas coisas?! — Ana grita da cozinha, o que soou para ele autoritário.

— Quase tudo —, rosnou. — Quase tudo — sussurrou para si mesmo.

Sua esposa volta, toma o lampião que descansava sobre a mesa, e levanta quase a altura dos olhos, então sorri para Borges, e fala:

— Pois é bom que se apresse, sairemos cedo amanhã, o México nos aguarda.

— E o que é mesmo que existe de tão bom no México —, Borges tenta argumentar. — Para que nós, eu, você e Bernardo, enfrentemos toda uma jornada, daqui até o Brasil, e de lá até Mettlixihitico...

Ana devolve o luzeiro velho, para o centro da mesa de toalha branca.

— Não comece Borges. Não seja ranzinza logo agora. E é Mettlixihitico. Com Z.

— Que seja. Eu apenas quero deixar claro que...

A esposa o abandona sozinho, falando para o lampião, como um tolo. Ele ouve seus passos subindo as escadas, sente o silêncio como se fosse o ar frio do inverno, tocando sua pele. Ao mesmo tempo, a sensação da solidão conforta, mas também o amedronta, era necessário admitir, Borges não conseguia sobreviver sem Ana.

Sua cabeça começa a doer. Tal incômodo, vez em quando, o acomete, desde o acidente na Antártida. Não pode deixar de lembrar, daquele dia terrível que quase o levava à morte, um dia de suposta aventura com a esposa.

Estavam em um grupo, ele, Ana, Bernardo e mais alguns aventureiros, marchando como pinguins pelo gelo, ladeando enormes montanhas brancas, que pareciam crescer de uma página de livro fantástico, tão brancas e altas, tão alvas e cálidas. Mesmo cobertos de roupas e isolantes térmicos, sua pele parecia atacada por mil facas de fogo, seus olhos ardiam, e as extremidades do corpo congelavam.

Aquela idiotice toda, não tinha razão alguma, e isso o deixava ainda com mais raiva. Ana simplesmente acordara, olhara para as montanhas e, de repente, pusera-se a propor uma minúscula expedição, que já durava infernais quatro horas, do acampamento até a base das montanhas.

Eis então, que um norte-americano do grupo, disse ter avistado algo como uma fenda não muito acima, nas montanhas. Isso fora o suficiente para despertar em Ana, um desejo quase incontrollável de subir até lá. A maioria do grupo protestou e se negou, apenas Bernardo e Ana, e por consequência Borges, persistiram.

“Subiram como carneiros monteses, aquela encosta lisa, com neve caindo sobre os olhos, à medida que avançavam, e o frio penetrando mais fundo na carne, à medida que os outros, mais sensatos, ficavam para trás em meio a neve. Bernardo fora o primeiro a chegar na dita fenda, apoiando-se como um animal, de quatro sobre o rasgo negro na montanha, que parecia emanar um tipo de ar, meio temperado, que expulsava o acúmulo de neve em sua entrada.

— Há algo aqui, dentro — Bernardo fala, gritando para tentar vencer o ímpeto sinfônico dos ventos frios.

— Deve ser uma pequena caverna — Ana berra, aproximando-se.

— Seja o que for, não nos diz respeito, Ana! Vamos embora, estão nos esperando. Bernardo! Vamos!

— Deixe essa chatice de lado, ao menos uma vez, meu amigo! Venha ver, é bastante curioso.

Borges arrasta-se pela encosta, até a esposa e o amigo, que de rostos colados, miravam para o interior da fenda, que para ele, não tinha a menor graça. Ana e Bernardo cederam lugar, e Borges, como uma aranha desajeitada, posiciona-se sobre a fenda, e sente o agradável ar lufar em seu rosto.

— Mas como é isso?! — questiona.

— Não sabemos, meu amor, por isso é tão interessante. A Antártida tem muitos segredos, ainda não descobertos. Quem sabe, nós...

No movimento de levar o olhar até a esposa, Borges deixa a mão escorregar, e de súbito, vê seu braço direito sumir para dentro da fenda, quase até o ombro.

— Borges! Meu Deus, Bernardo! Vá lá ajudar seu amigo.

Borges se contorcia e praguejava com o susto, e de repente, sentiu mergulhar de súbito fenda adentro, o que parecia impossível, já que seu corpo era maior que o estreito.

— Socorro! — Conseguiu pôr fim gritar. Ainda sentiu alguém lhe puxar com força pelos pés, e uma de suas botas ficou para trás.

Desceu rápido e aos gritos, por um tipo de túnel liso, até atingir com a cabeça um corpo de água, em meio às trevas e ao frio extremo. Daí em diante, tudo era para Borges, um confuso moinho de sonhos, lembranças e devaneios. Ele fora resgatado quase sem vida, boiando em um lago, no fundo da estranha caverna, de lá voltou para a Argentina em um avião militar, e por pouco não morreu. Sobraram então as sequelas, as dores, os sonhos estranhos e o medo, disso até aquela pretendida viagem ao México, havia se passado apenas um ano.

Borges se levanta, massageando a têmpora, vai até o banheiro, volta, veste o pijama, e encontra a esposa no quarto, perdida em meio a peças de roupa, documentos e malas extravagantes, que ela adorava usar nas viagens. Borges se deita sozinho, e fica a encarar o teto, enquanto a dor o tortura, aumentando e diminuindo.

— Não disse que ia terminar de arrumar suas coisas — ela fala.

— Minha cabeça dói, tem algum analgésico?

— Não. Mas podemos comprar amanhã...

— Não, ela dói agora. Não vou esperar até amanhã.

— Pois espere eu terminar aqui, aí vou acordar um farmacêutico, e exigir que arranje um analgésico para o senhor. O que acha?! Ou então, você mesmo pode se levantar e fazer isso, o que me diz?

— Não precisa — Borges resmungava, amuado, enquanto a dor se intensifica.

Ana atira um chapéu sobre a mesa de cabeceira, irada, como se ela tivesse sido bastante ofendida.

— Não! Faça questão. Que tipo de esposa eu seria, se não deixasse minhas obrigações, para realizar seus caprichos?!

— Já disse que não pre...!

Ana o abandona, sai do quarto resmungando, e deixa Borges boquiaberto, e a frase que iria dizer perde-se no ar. A dor o ataca com intensidade, ele cobre o rosto com um lençol e tenta afastar todos os pensamentos, mas eles parecem vir com mais força, e então Borges começa a lembrar-se, com estranha vividez, do dia de seu acidente. Ele assusta-se, sente os braços e as pernas amolecerem, o corpo não se move, ele se desespera e quer gritar, mas a voz não sai. Então a realidade some, e ele está de novo, mergulhado no frio lago, do fundo da caverna. Aquilo não era uma lembrança, era viva e aterrorizante demais para ser.

Após invocar todos os santos, deixou-se tomar por uma apatia passiva, naquele devaneio sobre-humano e antinatural. As águas tornam-se mais profundas, há luz, e ele acha-se nu, afundando. Vê no fundo, algo como uma sombra, debatendo-se debilmente, ele vai aproximando-se, e leva a palma da mão direita, por sobre o dorso serpentina que se move agonizante, sem forma, ou som. Sente na hora uma energia correr por seu corpo, como se um raio tivesse o atingido. Seus ossos tremem, seu sangue ferve, e sua mente é atacada pela ausência, a coisa no fundo, começa a engolir sua mão, e então enrola-se em volta dele, uma voz sussurra: “Grande sacrifício.” As águas tornam-se sangue, “você é nosso,” a voz continua. “Verme!” ele está vindo, sente medo. “O grande verme está vindo.”

II.

“Aquela Argentina, não era a mesma de seu mundo. Aquela tinha vida, não havia sido consumida pelo fogo da guerra. O homem caminhava, chamar-se-ia Thomás. O nome de um santo, coisa que ele não era. “De inordinato amore erga te ipsum est causa omnium peccatorum”. Amém. Sentia o coração pesar, era muito certo, que haveria de ferir alguém, a final, suas mãos eram armas pecadoras de matança.”

O hospital São Miguel, achava-se em um pacato bairro residencial, próximo ao centro de Mirasol, aquela cidade opaca da patagônia. Um prédio tinha cinco andares, feito em conformidade com o barroco, com sua tinta descascando-se, e sua arquitetura se tornado quimera, em vista de tantos reparos e consertos, coisa comum para prédios daquela idade.

Borges é alojado no quinto andar, em um quarto privado, devido aos sintomas que apresenta. No mesmo andar, acha-se o escritório do Dr. Alfredo Duque, um já idoso e experimentado médico, que ouve pacientemente o relato desesperado de uma mulher:

— Quando voltei... da farmácia, ele estava caído do lado da cama, gritando — Ana fala, com as lágrimas se derramando de seus olhos.

— Estava tendo algum tipo de ataque? — pergunta o médico, e já posiciona a caneta sobre o papel, para anotar.

— Nã... não. Desculpe. Não, ele apenas gritava, deitado de lado, com os olhos mirando o nada. Na hora eu me desesperei, tentei ajudá-lo, mas... nada adiantou e então...

— E então a senhora fez muito bem em chamar socorro. — O médico se levanta de sua cadeira acolchoada, caminha até a janela de seu escritório que dava para a rua, olha o efeito do sol sobre o telhado de uma casa, vizinha ao hospital.

— Veja, o caso de seu marido é bastante incomum — fala o doutor, após voltar-se para Ana. — Não vou enganá-la, nós não temos muita ideia do que pode ser isso. Os exames não mostraram nada.

— Doutor, a de ter algo que se possa fazer, por favor! — Ana fala, depois se levanta de sua cadeira, impetuosa.

— Ele não responde a nenhum remédio, calmante, analgésico, sedativo. É assustador, não parou de gritar, da casa de vocês até o hospital, e até agora. Tivemos que o amordaçar, para ao menos abafar os gritos. Amarramos ele na cama...

— Não! Pare, eu não quero lembrar...

— Bem senhora, como médico, tenho que lhe dizer a verdade, seu marido pode estar sendo vítima de um malefício desconhecido para a ciência, algo potencialmente perigoso para todos nós. Decidi tentar administrar mais calmantes, mas se o quadro não mudar até ao meio-dia, terei que notificar as autoridades.

Ana pensa, reluta em aceitar a situação do marido, que sempre lhe pareceu tão forte, sente-se insegura, por estar lidando com algo que desconhece e lhe parece tão incompreensível, no fim, sede. Entrega-se às poucas certezas que tem, que as drogas hão de fazer efeito, que a ciência há de triunfar sobre quaisquer males, fora isso, não tinha fé em mais nada, nunca fora inclinada a rezar a santos, e Deus lhe parecia muito mais uma fábula moral, do que um ajudador real em momentos de dificuldades.

Já é quase meio-dia, e faz um calor um tanto incomum. No corredor do quarto andar, branco, asséptico e barulhento, uma enfermeira usando roupas brancas e um avental rosado, detêm-se em uma conversa com um médico recém-chegado, ambos encostados na parede, observando os rápidos passantes.

— Então o senhor veio do reino? — pergunta a enfermeira, ao mesmo tempo que desamassa o avental.

— Sou um humilde súdito dos Bolívar y Palacios — responde o homem.

— E o que o traz aqui? Creio que é mais vantajoso ser médico no reino, que na Confederação...

— O clima, as mulheres, a comida, essas coisas daqui me agradam muito — o médico fala, malicioso.

A enfermeira ri e começa a apertar as mãos, seu rosto fica corado. Resiste em olhar diretamente nos olhos dele, que lhe parecem poços azuis, seu sorriso, branco e brilhante, seu cabelo castanho-escuro, a altura dos ombros, dá todo um charme, é também alto e atlético o doutor, mas não musculoso demais, ela se sente boba, imagina os dois casados, apenas por um segundo.

Ele a interrompe, a arranca de seus devaneios, pergunta:

— E então, mal cheguei, e já me falaram de um paciente estranho que deu entrada ontem à noite, o que me diz dele?

— Ah, ninguém aqui quer falar muito sobre. É um caso estranho, dizem que o homem não para de gritar. Fica oscilando, entre gritos estridentes, e breve momentos de calma perturbadora, já tentaram de tudo mas...

— Mas?

— Não sei. Não trabalho no andar dele — ela responde, sorrindo.

— É mesmo? E você saberia me dizer, quem trabalha?

“Pouco sutil.” Ela pensa. Era óbvio, aquele Tomás Aguirre, não passava de um oportunista. No primeiro dia de trabalho, aproximara-se da primeira “boba,” que poderia lhe dar algumas informações úteis. “São todos assim, esses jovens médicos.” Então seus sonhos românticos, se desfazem tão rápido quanto começaram.

— Não sei como funciona no reino, doutor —, ela responde, ríspida. — Mas aqui, na Argentina, nesse hospital, cada médico com seus pacientes, e acho que o senhor não foi designado para cuidar do paciente do quinto andar, ou estou enganada?

Ele ri. Ela acabara de lhe dar uma informação útil.

— Não senhora, não fui. Como lhe disse, esse é meu primeiro dia...

— Passar bem!

Ela se vai, mergulha em meio aos outros passantes do corredor, certa de lhe ter ferido o orgulho. Mas aquele homem de terno azul e jaleco branco, não está ali para arrebatá-lo o coração de enfermeiras, há algo no quinto andar, dentro do corpo de Borges, crescendo, tomando conta dele, mais rápido do que previra Ni. Tomás tem de se apressar, sente que não tem muito tempo.

Tomás então rumo para o torreal “quinto andar,” onde seu destino o aguarda. Passo rápidos mais delicados, sem chamar muita atenção. Ele lembra do treinamento básico que tivera. Parte do trabalho era resolver o problema, sem fazer grandes alardes. Se aquelas pessoas soubessem o que se passava no multiverso...

Já no tal quinto andar, o doutor mantém-se frio, deve ser certo e discreto, deve primeiro encontrar o quarto de Borges. Lhe disseram que o homem gritava muito, mas no acinzentado e abandonado corredor do andar, não se ouvia um som se quer. Tomás chega até a achar que, deve estar no lugar errado, ele teria dado meia volta, se uma enfermeira afobada não tivesse saído às pressas do último quarto, no fim do corredor.

Ela olha para ele, tira uma mecha de cabelos castanho-agrisalhados de frente do olho, depois caminha rápido até Tomás, que se mantém em pé, em frente ao elevador.

— O senhor veio trocar os turnos? — ela fala rápido, olhando-o de baixo para cima. — É bem jovem? Está fazendo residência?!

— Ah, não. Vim transferido, na verdade. Estou aqui para...

— Dr. Aguirre —. Ela lê em seu crachá. — Se veio para a maldita troca de turnos, fique à vontade. O paciente está na última sala, de onde eu vim. O Dr. Duque deve voltar em duas ou três horas.

Ela passa rápido por ele, aperta freneticamente o botão do elevador, suas mãos tremem, parece em demasia um bicho, em fuga de um predador. O elevador sobe, cinco enfermeiras desembarcam, e a outra mergulha, a porta se fecha, e o contador de andares começa a decrescer rápido, 4º, 3º, 2º, 1º, térreo.

As enfermeiras cumprimentam o doutor, e duas delas o acompanham até o quarto de Borges, as demais, se dividem entre os outros quartos. Conforme caminham, todos sentem um ar opressor enquanto se aproximam da porta. É estranho, o silêncio, a limpeza do local, nada transmite calma, tudo parece sombrio e angustiante, e esse redemoinho negativo, emana do quarto de Borges. Antes de entrarem, uma enfermeira faz o sinal da cruz.

— Que Deus nos proteja — ela murmura, entre dentes.

A companheira a repreende: — Pare com isso de orações, vamos fazer nosso trabalho! Olhe o doutor aí.

Tomás ri, tenta disfarçar o leve nervosismo que sente, enquanto gira a maçaneta.

A porta é aberta, no quarto, duas janelas que dão para uma viela, e um bairro residencial. Há um sofá, jogado no lado direito, e sobre ele, uma mulher dormindo, a mulher de Borges. O mesmo jaz imobilizado sobre uma cama, tronco, pernas, braços e cabeças, presos por faixas de couro. Ao lado da cama, uma bolsa com algum líquido, ministrado na veia do braço direito dele.

As enfermeiras entram, uma delas, a que clamou, encarrega-se de acordar Ana. A outra, caminha lentamente até Borges, e o doutor a acompanha. Enquanto a enfermeira apalpa a bolsa, Thomás averigua o homem bizarro, completamente catatônico, que com os olhos vidrados, o observa.

— Deram um calmante e tanto para ele — Thomás fala.

— O senhor não viu o estado em que chegou ontem? Me arrepio, só de lembrar.

— É, mas agora ele está bem — Ana fala, já sentada no sofá.

— O soro deve durar até o Dr. Duque voltar — a enfermeira fala. — Eu vou, esperar lá fora, se não se importa doutor.

— De maneira alguma — Thomás réplica, sem tirar os olhos da expressão gélida de Borges. — Fique à vontade.

— Doutor, se não se importar, eu também...

— Podem sair enfermeiras, ao que parece, está tudo sobre controle. Só fiquem por perto, tudo bem?

As mulheres nem se dão ao trabalho de responder. Saem rápidas como flechas, e fecham a porta com força.

— O senhor não tem medo? — Ana pergunta.

— Medo? De um homem dopado e amarrado?! Não. Como médico, nem devo ter.

Thomas desvia lentamente o olhar, e nesse momento, percebe que os glóbulos oculares de Borges, o seguem. "Ele não está tão sedado assim," pensa. Thomás, então afasta-se, vira-se para Ana, e apresenta-se:

— Thomás Aguirre, eu...

— Ele não está mais agitado, viu. Pode soltá-lo — Ana fala, forçando-se a não chorar.

Thomas sente pena. Sempre havia gente assim, naquele trabalho. As vítimas, dos infortúnios, anomalias, terrores, monstros e visitantes pálidos, de algum mundo distante, ou realidade alternativa.

— Eu, na verdade, não tenho permissão para isso, senhora — desconversa o médico.

Ana balança a cabeça, desolada. Aproxima-se dele, toma-lhe a mão direita, tão rápido, que o outro não pode desvencilhar-se.

— Por favor — ela fala, com os olhos inundados — pode ao menos, ao menos afrouxar essas correias?

O doutor a leva pela mão, até o sofá. Os dois sentam-se, e ele então a inquire:

— Bem senhora, se fizer o favor de me contar o que houve, e quais são os sintomas do... seu marido?

— Sim, meu Borges.

— Se me contar o que ouve, posso tomar alguma atitude. Se não, eu não estou autorizado a fazer mais nada, normas do hospital.

A história não faz sentido, mas Borges sabe contá-la de uma forma que, para a frágil mulher, lhe pareça uma verdade quase óbvia. Então, ela começa, entre soluços e borbotões de lágrimas, a contar sobre o ataque de Borges.

Diz que, o achou caído, no chão, em um estado terrível. Conta sobre os delírios, e a frase que repetia incessantemente, "ele está vindo, o verme está vindo!" Fala também sobre os gritos horripilantes, de puro pavor, intercalados com intervalos de silêncio arrepiante.

Quando pretende se alongar mais, Ana é interrompida pelo doutor Duque, que invade a sala, furioso, acompanhado da enfermeira que, anteriormente, havia conversado com Thomás.

— O que significa isso?

Thomás olha primeiro para a enfermeira, que parece estar se divertindo. Duque aproxima-se, e arranca o crachá do jovem doutor, depois o examina com cuidado.

— Doutor Duque, o que está acontecendo?! — Ana fala, desesperada, hora olhando para Thomás, que se mantém frio e sereno, ora olhando para Duque, colérico e com as veias saltadas.

— Mas o senhor não é médico novo, coisa nenhuma! — Duque dispara.

"Está acabado," Thomás pensa, "é hora da truculência." Ele leva a mão ao bolso infinito do paletó, no bolso esquerdo, sua primeira arma, Sirius, já está ao alcance. Bastaria um disparo, deixaria o médico e a enfermeira desacordada, Ana seria fácil de lidar.

— O senhor não é médico? Mas... — Ana não compreende, afasta-se, fica próxima de Duque.

— Enfermeira, faça o favor de telefonar a polícia — Duque ordena.

A enfermeira ri para Thomás, que cinicamente devolve a provocação. A mulher então fecha o cenho, e sai, enraivecida.

— E o senhor, comece a se explicar — Duque fala. — Antes que a polícia chegue. Quem sabe eu...

O doutor, de repente, sente uma desesperadora sensação de morte, as palavras somem em sua boca, e vertigens lhe surgem, dançando em frente aos olhos. Ele não é o único, Ana amolece no sofá, e Thomás sente uma torrente arrepiante de medo, passar por todo seu corpo.

Então um grito agudo, vindo de Borges, esfarela a tenção no ar, e faz os corações acelerarem. Todos olham, mas não se movem para socorrer ao homem, que treme freneticamente sobre a cama, e entre gritos, tenta articular a fala. Enfim, consegue, esbraveja: — Que comece o sacrifício!

As correias de coro arrebentam-se, Ana grita, Duque ainda tenta mover-se, mas sente as pernas amolecerem, então cai de joelhos, com os olhos vidrados naquela cena. Borges blasfema contra Newton, começa a levitar, ainda tremendo convulsivamente, e repetindo a ladainha: — Que comece o sacrifício, que comece o sacrifício, que comece o sacrifício, que comece o...

Ele para, seu corpo fica na vertical, seus olhos tornaram-se vermelhos como o mais puro sangue, e fitam a brilhante arma de Thomás, apontada para sua cabeça.

— Vocês gostam dos cérebros não é? — Thomás fala, rindo. — Khordyp nojento!

A coisa ruge, através do corpo de Borges, e então lança tentáculos azulados, pela boca. Thomás dispara sua arma uma única vez. Não há som de pólvora explodindo, fumaça ou luz, mas “a coisa” é arremessada para trás, e choca-se com tanta força na parede, que toda a sala estronda, e uma mancha de sangue pinta o banco de vermelho. O corpo desliza, e cai, patético, quase desfeito, mas com os olhos ainda se movendo.

Ana entra em choque, com o puro desespero. Duque permanece imóvel, e tão rápido quanto fora derrubado, o verme ergue-se de novo, com o corpo desconjuntado de Borges, flutuando.

— Opa! Esse é diferente — Thomás fala. Aponta de novo sua arma, mas dessa vez, o monstro foi mais rápido.

Seu estômago estoura em sangue e tentáculos, seu crânio rachado, termina de romper-se de vez, e mais tentáculos surgem. Thomás salta para perto de Ana, que agora grita, histérica. Ele a desmaia, com uma coronhada na têmpora, e isso parece irritar a coisa disforme em que se transformara Borges, que fala, com voz duplicada:

— Não! Ela... ela não!

Então ele lança os tentáculos contra as paredes, que começam a ser envolvidas por uma carne azul-enegrecida. Thomás sabe o que se passa, e toma rapidamente Ana nos ombros, até olha para Duque ali, paralisado, mas ele não pode carregar os dois.

— Sinto muito — ele fala, ofegante, enquanto passa por Duque, ajoelhado.

Um chute na porta, e ele está do lado de fora. A carne azul vem consumindo as paredes, e dela, saem tentáculos, que tentam agarrá-lo. Ele desvia com dificuldade, é bem mais difícil com uma mulher nos ombros. A coisa grita, grotescamente:

— Amor! Não! Sacrifício! Matança! Matança!

O elevador está distante, ele não vai alcançá-lo, e o verme o encurralaria lá. Então toma uma medida desesperada, atira com sua Sirius na potência máxima, no chão, que despenca, levando ao quarto andar, ele e Ana.

O mundo todo gira, uma nuvem de poeira toma conta de tudo, e as pessoas gritam, assustadas. Thomás se recompõe rápido, quando percebe a carne descendo pelo buraco, e escorregando pelas paredes. Um grito indescritível varre o hospital inteiro, tal som quase demoníaco faz com que as pessoas tampem os ouvidos, e também gritem, histéricas.

Thomás se levanta e cata a ainda desmaiada Ana, que feriu a testa e um braço na queda. Enquanto corre, ele ainda tenta alertar:

— Fujam todos! Ou o verme irá matá-los.

Thomás para. Seu corpo inteiro dói, e ele sabe que, para escapar dali, terá de deixar Ana para trás. Ele mergulha em uma sala, onde havia um bom número de acamados, ignora os questionamentos e os gritos das pessoas, apenas deita a desfalecida e ferida Ana nos braços de um médico, abre um buraco na parede, com o terrível disparo de sua Sirius, e antes de saltar para fora, fala:

— Se querem sobreviver, podem me seguir. Deixem esses moribundos aí, eles já estão mortos mesmo.

— Mas o que está acontecendo?! — o médico que está com Ana, grita.

— É o verme — Thomás responde, enquanto a carne começa a invadir o lugar.

Thomás não tem mais tempo. Salta, e sente a gravidade esmagar seu corpo contra o concreto da rua. Tenta cair de pé, mas não é um gato. Se estabana no chão, desajeitado. Sente a pele das mãos ser rasgada pelo concreto, e o joelho bate com força. Ele grita e arfa de dor, levanta-se com dificuldade, e começa a correr.

Ao fundo ouve os gritos das pessoas sendo mortas, misturando-se ao horror gutural do verme. Em sua cabeça, rememora o rosto assombrado de Ana, pedindo para que ele soltasse o marido. Martiriza-se, “se tivesse sido mais rápido,” pensa.